

# Estudo avalia impacto da im

**LUIZ SUGIMOTO**

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Foto: Coleção Geraldo Sesso Júnior / Centro de Memória

Se fosse pertinente e adequado escolher o que simbolizasse a destruída Itália do segundo pós-guerra, seriam as oliveiras que demoram tantos anos para crescer e produzir, derrubadas pelos alemães. Eles resolveram vingar a derrota solapando da população civil, já sem nada para comer, o derradeiro ganha-pão. Oliveiras e campos inférteis ao sul, indústrias quebradas nas cidades ao norte: privadas de 70% da produção, as empresas mal podiam absorver a massa desempregada, tampouco os soldados regressos do front de outras batalhas.

A historiadora Luciana Facchinetti é filha de Giovanna e Giuseppe, testemunhas daquele purgatório e que buscaram no Brasil não o paraíso, mas um lugar onde pudessem simplesmente trabalhar e recomeçar a vida. O depoimento do casal está guardado no Memorial do Imigrante, em São Paulo. Instigada pela vida dos pais e por um trabalho no próprio Memorial, em que ajudou a digitalizar os Livros de Entrada de Imigrantes de

**Imigrantes eram mais conscientes da cidadania, alfabetizados e qualificados**

1882 a 1907, a professora recorreu a outro acervo da instituição, 24 mil fichas produzidas pelo CIME (Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias), para reconstituir a história de alguns personagens e avaliar a influência desses imigrantes no desenvolvimento da indústria brasileira. Ela defendeu a dissertação de mestrado junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, em fevereiro.

“Eles cruzaram o Atlântico essencialmente por causa do país destruído, mas também pelo desmoronamento de um sonho. Criados no fascismo, sob a promessa de Benito Mussolini de um país unido, grande e forte, foram pagos com moeda falsa. Perderam a infância e parte da adolescência, passaram por muita fome”, conta Luciana. Ela recorda que, além do conflito mundial, a população amargou uma guerra civil de 20 meses entre os que insistiam em salvar o Duce e os *partigiani* (ligados à resistência). “Nos depoimentos é comum a lembrança de que eles tinham quatro inimigos: os fascistas e os alemães de dia, os *partigiani* e o bombardeio americano à noite. Não sabiam para que lado olhar, levavam tiros por todos os lados”.

O Memorial do Imigrante registra a entrada de sete italianos em 1870. Até 1913, o total exato é de 1.291.280, um mar de gente que motivou incontáveis estudos sobre sua contribuição à agricultura, comércio e indústria, principalmente no Estado de São Paulo, e sobretudo para nossa formação cultural. Nas décadas seguintes o fluxo diminuiu acentuadamente e é quase nulo nos anos da guerra, havendo então a retomada de certa intensidade por volta de 1950.

“Querida entender como esses imigrantes do pós-guerra, apesar de terem vindo em menor quantidade, influenciaram na economia brasileira”, explica a historiadora. O interesse se justifica, pois havia uma diferença importante em relação aos patrícios da virada do século: a especialização. “Se os que chegaram antes eram analfabetos em 90%, os que vieram depois eram alfabetizados e quase todos sustentando alguma qualificação”, acrescenta. A qualificação era um critério importante para aprovação do governo brasileiro, que incentivava a indústria e não se interessava em receber novas levas de mão-de-obra barata.

**Noção do ofício** – Luciana lembra que uma das bases do fascismo é o nacionalismo, sentimento difícil de



Grupo de italianos na zona rural de Campinas, em 1911: até 1913, mais de 1,2 milhão de imigrantes chegaram ao Brasil; por volta de 1950, houve uma retomada de certa intensidade no fluxo.

impor a uma Itália dividida em muitas regiões, cada qual com seu dialeto. “Mussolini via na alfabetização o meio de unificar o país, moldar uma consciência de cidadão e transmitir sua ideologia, criando uma geração de fascistas em todo o território. Obrigava a família a colocar os filhos da escola, no mínimo até o quarto ano primário”, conta. Educação, mas até determinado nível, pois o ditador reduziu incentivos ao ensino médio, fechou escolas técnicas e elitizou a formação superior. Não queria seres pensantes.

Então, como o imigrante conseguiu sua qualificação, perguntava a historiadora aos entrevistados, obtendo como resposta o corporativismo de ofício que prevalece na Itália desde tempos feudais. “As crianças saíam da escola e iam aprender uma profissão com um parente ferramenteiro, um vizinho alfaiate. Mesmo aqueles do sul, que representam 60% da minha amostragem, tinham pais agricultores mas aprenderam a fazer pão, por exemplo”.

Assim, vieram para o Brasil ferramenteiros, pedreiros, carpinteiros, mecânicos, marceneiros, padeiros, motoristas, barbeiros. Não possuíam certificados, mas conheciam o ofício. Também vieram diplomados como engenheiros, técnicos altamente especializados e professores. “Um professor com importantes publicações na área da aeronáutica, que por colaborar com o regime fascista ficou sem espaço na Universidade de Roma, foi autorizado pelo governo a trabalhar na Embraer. Vale salientar que enge-

nheiros e especialistas italianos tiveram uma participação importante na construção do primeiro avião brasileiro, o Bandeirante”, informa Luciana.

**Sem patrões** – Imigrantes do pós-guerra também teriam promovido inovações, desde que o parque brasileiro oferecesse condições para a aplicação de seus conhecimentos. Na lista de 16 entrevistados, a pesquisadora aponta exemplos deste espírito empreendedor. Um deles idealizou um projeto de ferro a vapor, inviabilizado pela falta de equipamentos. Outro, alfaiate, ofereceu o desenho de um paletó à Pierre Cardim, que não quis lhe pagar royalties. Antonio Midea, expedienteiro, é hoje o segundo maior empresário da área de construção civil. O economista Edoardo Cohen tornou-se renomado escritor, ator e pesquisador. Luiz de Papaiz, que desautorizou a utilização da entrevista, marcou seu nome no setor de ferramentas.

Os casos de sucesso, contudo, não refletem todo o peso desses imigrantes na economia. “Meu pai aprendeu mecânica com meu avô, um técnico em teleférico, e marcenaria com um tio dele. Trabalhou na Matarazzo para garantir o sustento da família, até montar uma marcenaria. Esse pessoal não suportava a idéia de ficar sob ordens de patrões. Noventa por cento deles criaram micros, médias e grandes empresas, de padaria a indústria metalúrgica. Eles queriam realmente fazer a América. E Brasil, Venezuela e Argentina, afinal de contas, também são América”.



Casal de imigrantes italianos em plantação de café

# Emigração italiana no pós-guerra

## Remessas de dinheiro ajudam na reconstrução

Em fins do século 19 e início do século 20, as levas de italianos vieram em famílias numerosas, uma média impressionante de filhos por casal. Já entre os imigrantes do segundo pós-guerra, havia famílias, com no máximo quatro filhos. Homens e mulheres solteiros formavam o grosso do contingente. A faixa etária ia de 18 a 50 anos, dentro do perfil selecionado pelo governo brasileiro interessado em mão-de-obra qualificada.

O governo italiano, incapaz de abarcar tanta força de trabalho, também incentivava a emigração de pessoas que buscassem no exterior divisas para aumentar a poupança interna, contribuindo para a reconstrução do país. Depois de Estados Unidos e Canadá, ao norte, os países mais procurados pelos italianos foram, pela ordem: Venezuela, cujo petróleo permitia boas condições de progresso; Argentina, que acolheu não só trabalhadores mas a maioria das lideranças do movimento; e Brasil, apesar da restrição comunista, cuja entrada era concedida inclusive por padres católicos, que cabia conceder atestados de

boa conduta.

Entre 1946 e 1960, 110.932 italianos rumaram para o Brasil, 231.543 para a Venezuela, 484.068 para a Argentina e 504.449 para Estados Unidos e Canadá. Para dar uma dimensão desta força de trabalho, a professora Luciana Facchinetti cita dados de Constantino Ianni em seu livro *Homens sem Paz*: em 1962, por exemplo, as remessas recebidas na Itália de seus emigrados de todo o mundo, e registradas no balanço de pagamentos internacionais do país, somaram cerca de 550 milhões de dólares; antes, em 1961, a soma alcançou 450 milhões de dólares.

Daí, a revolta dos imigrantes diante do preconceito que sofrem ao retornar à terra natal, ou das tentativas do governo italiano em suspender a pensão de quem continua fora. “É uma briga ferrenha. Eles enviaram muito dinheiro para a reconstrução da Itália e esperam uma retribuição, agora que o país vive uma situação saudável”, afirma a pesquisadora.

**Pé na Bota** – Luciana Facchinetti ouviu de embaixadores italianos, recentemente, que existem 63 milhões

de imigrantes e descendentes pelo mundo, enquanto a população da Itália é de 57 milhões. O Brasil abriga 23 milhões, sendo que somente a cidade de São Paulo concentra 5,5 milhões. “Em cada cinco habitantes do território brasileiro, um tem um pé na Bota”, afirma a professora, que mora no Tucuruvi, zona norte de São Paulo.

Ao final desta entrevista, quando eram servidos café e bolinhos de chuva, *mamma* Guivanna entrou repentinamente na cozinha, amparada por um andador e por beijos e carícias da filha. Falava muito, sem se dar conta de que os visitantes não entendiam seu idioma. Num espaço de 23 dias, ela perdeu Giuseppe, companheiro da longa viagem desde as plantações do sul da Itália, a outra filha Maria Elisa e também a lucidez.

“Para as italianas, perder filhos é insuportável”, diz Luciana. “Ela quer saber se vocês já apreciaram as árvores e o ar puro lá fora”, traduz. Por cima do muro via-se o bosque do vizinho Clube dos Alemães – no momento não cabia qualquer ironia – e *mamma* Guivanna caminhou resoluta até o quintal, quem sabe para sentir o aroma das oliveiras.

Fotos: Neldo Cantanti / Reprodução



Professora Luciana Facchinetti, historiadora: pesquisa instigada pelos testemunhos dos pais e por seu trabalho no Memorial do Imigrante

### ANTONIO MIDEA

(de Macchiagodena)

Quando cheguei aqui comecei a trabalhar em várias coisas. Ajudei meu pai de servente de pedreiro, não gostei muito. Depois entrei numa fábrica, de metalúrgica, depois entrei em outra fábrica, outra fábrica, mais fábrica. Mas eu era um inimigo da fábrica, a fábrica não era pra mim, io me sentia preso. Aí entrava e saía, sempre pra ganhar mais, nunca pra ganhar menos, sempre chefe, contra-mestre, parece que tinha um espírito que me acompanhava que queria vencer na vida. Aí, no 54, foi a última fábrica. Sai e comecei a ser vendedor na rua, vendedor de inseticida, vendedor de sale, depois comecei a vender laticínios, salame, presunto, mortadela, queijo, etc, etc, e assim comecei minha vida, comecei com a sacola, comecei com a bicicleta, comecei com o táxi, comprei um carro, tirei a carta em 56, comprei o primeiro Fiat, e assim foi minha vida até 60 e casei.

(...) Voltei muitas vezes na Itália e cada vez que voltei pra lá eu trouxe mais novidades aqui pro Brasil. Entrei no ramo de concreto, de construir casas também. Tubos, concreto, muitas coisas pré-moldadas. Trouxe máquina de lá, sim, as nossas instalações são todas italianas. Fabrico concreto e fazemos tubo pra Sabesp, hoje o tubo é nosso, é a segunda maior fábrica do Brasil, nós fornecemos o Brasil inteiro, tudo pra Sabesp, tubos de esgoto, que é a marca Midea, meu sobrenome.

### FRANCO LUPERI

(de Livorno)

Durante a guerra, a minha esposa fez a primeira comunhão com os brasileiros. Foram eles que fizeram a festa, tinha inclusive biscoitos Aymoré. Ela conheceu muitos deles lá na Itália, durante a Segunda Guerra. Foram sempre muito bem recebidos e aceitos pelas famílias e por todos em geral. Posso dizer que são povos irmãos. Diferentes, e muito, de outros aliados como os ingleses e americanos, que não deixaram absolutamente uma boa impressão e nem lembranças agradáveis. Principalmente os americanos, que chegaram ao cúmulo de jogar fora no esgoto grandes panelas de comida, na frente de crianças famintas, e olhando bem para elas, que moravam em espécies de tendopólis [favelas], pobres, desnutridas e descalças.

(...) Na Embraer ajudamos a construir o Xavante, o MAC 308, e desenvolvemos a parte que se refere a medição óptica da montagem do primeiro Bandeirante. Os meios de construção do primeiro avião eram métodos rudimentares. Não sei, até hoje, como conseguiu voar. Os conhecimentos eram válidos, o entusiasmo contagioso, mas os meios à disposição eram bastante escassos e primitivos, pois no Brasil não existiam equipamentos indispensáveis para a colocação em obra dos componentes do avião; foram importados da Itália.

Eu fiz toda a tradução do procedimento do italiano para o português. E, na ocasião, tive que fazer todo um estudo da montagem da primeira parte do Bandeirante. A parte industrial do avião é minha, não o projeto. Como se devia fazer, os meios de utilização das máquinas, das ferramentas e a descrição passo a passo da montagem. Tanto é que, no Bandeirante, a parte de minha responsabilidade, da frente até a cabina de pilotagem, era a única montada em pé. Foi um belo desenvolvimento do qual tenho orgulho. Eu gostei de ter realizado aquilo.

### EDOARDO COHEN



Edoardo Cohen em 1937, com 6 anos de idade, uniformizado e fazendo a saudação fascista

(de Roma)

Sim, vontade sim [de voltar para a Itália], mas que foi. Minha vida é aqui, eu sou cidadão de um país que não existe mais, os imigrantes somos cidadãos de um país que não existe mais.

Isso muita gente não entendeu, principalmente o governo italiano não me entendeu. Eu escrevi muitas vezes. Posso dizer: eu tô na Itália... a vida é enrolada, dia após dia do fim da resistência e eu emigro, o que é que eu faço, abro a gaveta e coloco... E começo a colar a fita do Brasil, do país onde estou morando. (...) porque a Itália ficou no momento que eu deixei... No momento que eu vou na Itália, muitas vezes eu vou na Itália, que eu falo, na língua mesmo, na forma idiomática, são coisas que não usam mais. Tem gente que me olha e diz: 'mas de onde vem esse daí?', de quem ninguém sabia, isso se falava há 50 anos atrás'.

Por isso somos cidadãos de um país que não existe mais e o governo não entende isso. O italiano, o governo, o consulado, a embaixada pensam que os italianos que estão aqui são os mesmos e estão na Itália. No, não são mais, são diferentes, são cidadãos de um país que não existe mais, porque a minha Itália não existe mais.

É claro, se eu for pra Itália, em um ano eu adapto novamente. Agora, aqui, eu ainda penso na Itália de 1946, 47, é cristalizada, é cristalizada, não adianta, estou largando tudo, ninguém entende.

É claro [que gosto do Brasil], minha vida é aqui. Posso ver sujeira, uma sujeira, são uns fdp esses governos, mas é minha terra, não adianta nada, é minha terra, desculpa falar, é minha terra, é aqui que eu vivo, é aqui que eu moro meus filhos, é aqui que eu enterrei meus mortos, aqui que vou ser enterrado, é minha terra.

## GIOVANNA E GIUSEPPE FACCHINETTI

(de Vallo della Lucania e de Angellara)

**Giovanna:** Nasci em 20 de dezembro de 1924, mas minha mãe me registrou em janeiro.

**Giuseppe:** Só para não ficar um ano mais velha, registrou em 3 de janeiro de 1925.

**Giovanna:** Vallo della Lucania não era uma cidade muito grande, mas movimentada, tinha muito lugar para trabalhar na agricultura. Meu pai tinha uma extensão de cultura e vendia também.

**Giuseppe:** Era uma chácara, plantava de tudo. Vendia na cidade. A cidade ficava no meio e em volta existem seis pequenas vilas. O mercado e a feira de domingo aconteciam no Vallo.

**Giovanna:** A chácara, a vinha, como nós chamávamos, era quase encostada com um cemitério de Vallo della Lucania. Tinha outra propriedade, com plantas de oliva. Eu ia colher azeitona na propriedade. Tínhamos que colher para levar para o maquinário que fazem óleo.

**Giuseppe:** Meu pai era milanês. Era técnico de teleférico, como aqueles que tem em Campos do Jordão. Mecânica de carro também. Como o bonde do Rio de Janeiro, tinha diversos, para descer toras, carvão, lenha, porque naquela época não tinha gás.

**Giovanna:** Terrível, a guerra... Eu tinha 9 anos e foi num campo perto de casa, tinha árvores... Estavam bombardeando debaixo da cidade, até onde estava, no alto, e eu fiquei um dia dentro da valeta, e os projéteis passavam por cima de mim, era uma criança ainda...

**Giuseppe:** No alto mar, a marinha disparava para a terra, então foi uns três ou quatro dias de sofrimento, fome, sangue... Foram três ou quatro dias terríveis. Vinha um trem carregado de munição de guerra e os alemães explodiram ele. A sorte é que onde estava o trem parado era um lugar onde não tinha casa nenhuma.

**Giovanna:** Ah, os ingleses... Eu estava na estrada [rua] para ir comprar pão na venda, e então com um carro corriam atrás de mim, e de tanto pavor que tive subi em cima de um muro e pulei para o outro lado, com medo que eles me viesse pegar, porque eles faziam coisas do outro mundo. E eu, graças a Deus, me joguei do muro num horto do outro lado e me salvei daqueles também.

**Giuseppe:** Faziam atrocidades.  
**Giovanna:** Ai, a comida foi o pior, nossa senhora.  
**Giuseppe:** Oitenta gramas de pão para cada família.  
**Giovanna:** Fazia uma fila para pegar um pouco de



Giovanna no dia do embarque para o Brasil com seus filhos: Rosalba (3 anos), Maria Elisa (1 ano e meio), Felice (4 anos), 1953.

farinha. E depois, para tentar comer mais, quem tinha enxoval, lençol, coisas de casa, a gente trocava com quem tinha o trigo... Ai, quantas coisas passamos, nossa senhora.

**Giuseppe:** Mas sabe de uma coisa? A gente estava sempre alegre, com tudo que se sofria. Porque chega uma hora, nos primeiros tempos, se fica com aquele medo, depois se acostuma e vão caindo os mortos do seu lado, você já não liga, está descontrolado.

**Giovanna:** Acostumo nada.

**Giuseppe:** Eu vim para o Brasil porque deu uma doença na plantação de uva que destruiu tudo.

**Giovanna:** Secaram todas. Por isso, perdeu a paciência.

**Giuseppe:** Eu não fazia vinho nem para mim. Com aquele vinho, comprava comida, pagava os impostos, ano após ano. Foram secando as plantas de uva.

**Giovanna:** É, se perdeu tudo.

**Giuseppe:** Quando nos casamos, como foi?

**Giovanna:** Foi muito bonito. Ih!, tinha tanto vinho, os parentes, os conhecidos. Ele tinha feito vinho branco, bem feito. Ele mesmo fez. Ele fez de propósito, aquelas jarras de vinho. Ah, foi uma grande festa!

**Giuseppe:** Tinha aquele vinho branco, tipo espumante, quase como champanhe.

**Giovanna:** Era uma delícia!

**Giuseppe:** Eu tinha sacos de lona, eram cinco. Colocava a uva, pisava e saía o vinho. Eu fiz justo para o casamento. Todos eles com a taça na mão para beber aquele vinho. E todos levaram para casa aquele vinho.

**Giovanna:** [Já sobre a vida refeita em São Paulo] Fomos para minha casa, tinha uma garagem grande e começamos a fazer macarrão, porque em Tucuruvi não dava para lavar roupa para os outros. Fazíamos gnhocce, tagliarini, ravioli, capeletti, eu e minha irmã que morreu. Até agora vem gente perguntar se não fazemos mais. Não, não faço nem para eu mesma mais, chega!

**Giuseppe:** Quando se faz o macarrão, não se tem o sábado, o domingo, o feriado, porque é justo nessa época em que se vende.

**Giovanna:** O molho? Ah, o molho, como faço eu... Até na feira me perguntaram. Eu compro os tomates mais maduros. Depois corto e cozinho numa panela grande, bem cozidos. Passo no liquidificador e depois passo na peneira. E depois faço uma porpeta de carne (...) ou uma brachola. Nunca fez brachola?